

Índice

Prelúdio de uma homenagem	7
Endurecer-se sem perder a ternura	11
Uma voz insubordinada e solidária	21

ALDA ESPÍRITO SANTO – A VOZ PRÓPRIA

Vozes das ilhas	31
Lá no água grande	32
Ilha nua	33
Em torno da minha baía	34
Para lá da praia	35
Para a Tânia	37
Humidade	38
Angolares	39
Avó Mariana	41
Página do livro do curso	43
Luar africano	45
Descendo o meu bairro	46
Natal na ilha	48
Se esta estrada falasse	50
No mesmo lado da canoa	51
Às mulheres da minha terra	54
Escola de mentiras	59
Voz negra das Américas	61
Deolinda Rodrigues	63
Requiem para Amílcar Cabral	65
Onde estão os homens caçados neste vento de loucura	67
Repressão	69
Vulcão setenta e três	70
Trindade	71
Libertação	75
Desafio da gente moça	80
Noite de magia em realidade	82

Pedaco de prosa	83
Resposta a um inquérito cultural	85
Prefácio ao <i>Ensaio sobre a Condição Humana</i>	86

HOMENAGENS

ALDA ESPÍRITO SANTO EM OUTRAS VOZES

Massacre de S. Tomé	
Agostinho Neto	91
Mão (Poema colectivos dos “Cinco”)	93
À minha prima Alda Graça	
Amadeu Espírito Santo	96
Para a digníssima prima Alda Espírito Santo	
Amadeu Espírito Santo	97
Para Sr. ^a D. Alda Espírito Santo	
Oferta de Amadeu Espírito Santo	98
Gravana	
Conceição Lima	99
Em nome dos meus irmãos	
Conceição Lima	101
Soubesse eu escrever	
Odete Costa Semedo	103
Mulher	
Odete Costa Semedo	105
Dona Alda, orla imensa da praia	
Ana Paula Tavares	107
Alda Espírito Santo, bandeira das nossas lutas	
Dina Salústio	109
Uma cidadã solidária com a nossa vida: Alda Espírito Santo, oitenta anos depois	
Natália Umbelina.....	112
ENTREVISTA A ALDA ESPÍRITO SANTO	
Deolinda Maria Adão	119

Prelúdio de uma homenagem

Alda Espírito Santo vai fazer 80 anos!

Eu e a Laura, sempre discutindo ideias (por que ela não vive em Portugal ou eu no Brasil?!), sempre brigando pelas nossas ideias, porém sempre em sintonia (na verdade, só discutimos com quem nos entendemos), perguntámo-nos: e vamos fazer nada?

Claro que não!

Eu já havia escrito muitas vezes sobre a poesia de Alda Espírito Santo e trabalhado a sua poesia em imensas ocasiões nos meus cursos; a Laura já havia escrito imenso sobre esta poetisa das ilhas do Equador e sempre “cobrando-me” a oportunidade de as conhecer. Felizmente, para o meu sossego, a Laura teve a oportunidade de conhecer Alda Espírito Santo quando das PONTES LUSÓFONAS, organizadas pelo Instituto Camões, em Setembro de 1999, em Maputo. Ficavam as ilhas por conhecer. E enquanto isso não acontecia, íamos, as duas, divulgando e trabalhando nas nossas aulas a poesia de uma das mais emblemáticas poetisas africanas de língua portuguesa e um nome incontornável dos nacionalismos africanos. Ficaram logo definidas as “tarefas”: e os nossos textos revelam essa “divisão”.

É então que entra o Dr. José Viegas, Ministro da Juventude e Desporto¹: precisávamos de patrocínio para publicar esse livro de homenagem a Alda Espírito Santo. E o Dr. José Viegas, com quem falei numa das minhas viagens a São Tomé, aderiu logo ao projecto dizendo que iria tentar que o Governo de São Tomé e Príncipe pagasse o preço da edição. Não fazem mais do que seu dever – pensei eu, não verbalizando o meu pensamento, não fosse o meu interlo-

¹ Na verdade, a designação do Ministério é: Ministério da Administração Territorial, Juventude, Mulher e Família.

cutor, que segundos depois disse o mesmo, com as mesmas palavras, ficar melindrado. Havia, também aqui, sintonia. Estávamos no bom caminho.

Num posterior encontro em Luanda, em Dezembro de 2005, onde eu e a Laura nos encontrámos num evento da União dos Escritores Angolanos, comentei que, por ocasião dos 80 anos da D. Alda, eu e a Laura estávamos a preparar a publicação de um livro, com a apoio do Ministério da Juventude e Desporto de São Tomé e Príncipe. A ideia da celebração foi largamente partilhada: Manuel Rui, Boaventura Cardoso (escritor e Ministro da Cultura), Roberto de Almeida (ou, antes, o escritor Jofre Rocha), o Professor Eugeniusz Rzewuski (embaixador da Polónia em Angola e em São Tomé e Príncipe), a União dos Escritores Angolanos, a Chá de Caxinde... demonstrando o quanto a D. Alda é querida. O que me leva a pensar que, se tivéssemos tido tempo, este livro de homenagens teria sido muito mais... condigno com a figura da homenageada.

Mas tempo era coisa que não tínhamos. Tivemos foi um conjunto de boas vontades: da Conceição Lima, da Ana Paula Tavares, da Odete Costa Semedo, da Dina Salústio, da Natália Umbelina (com seus textos escritos para o efeito); da Deolinda Adão que não se importou que a sua entrevista, a ser incluída num outro livro meu e da Laura², fosse “desviada” para este; da Conceição Lima, que autorizou a publicação do seu poema “Gravana”, de *O Útero da Casa* (2004) e que conseguiu “arrancar” da homenageada (arrancar, não, a São fê-lo de forma muito subtil, creio...), os inéditos de que consta este livro: da D. Alda e do Amadeu Espírito Santo, seu primo falecido em 2002; do Pepetela e da Conceição Barata nas diligências para as (escassas) fotos que ilustram o livro; do Dr. José Ribeiro, da Editora *Ulmeiro*, que autorizou a “utilização” dos poemas de *É Nosso o Solo Sagrado da Terra* (1978); do Ismael Sequeira e do Lívio de Moraes que fizeram as ilustrações do livro. E, claro, do Fernando Mão de Ferro, que começa sempre por me dizer que o prazo é impossível de cumprir e que cumpre sempre...

² Inocência Laura & Laura Padilha, *As Mulheres em África: Vozes de uma Margem Sempre Presente*, Lisboa: Edições Colibri – Centro de Estudos Africanos da FLUL (no prelo).

Diga-se, no entanto, que nem tudo correu como prevíamos: gostaríamos que os Cinco³ (utilizando, enfim, “signos” da sua época) ficassem, de certa forma, “representados” nesta homenagem, através de vozes poéticas femininas. Lamentamos não termos sido bem sucedidos neste aspecto pois de Moçambique não tivemos “eco textual” nenhum. Este é, reconhecemos, um ponto pouco abonatório desta homenagem. Mas outras virão.

Nem sempre concordei com ela – e ela sabe-o bem. Muitas vezes discordei, de forma dolorosa, do seu silêncio em assuntos que tiveram um efeito fracturante na sociedade são-tomense, como noutro que marcou toda a minha família de modo brutal, indelével, visceral e inultrapassável – e ela sabe-o também. No entanto, sem falsas tentativas de ser politicamente correcta, ousou afirmar que homenagear Alda Espírito Santo é homenagear uma cidadã patriota e, por extensão, todo o Povo de São Tomé e Príncipe.

Esta é, pois, uma homenagem afectiva!

Cency

³ Prefiro esta designação à dos PALOP, que nunca uso: o Mário Pinto de Andrade, grande amigo de Alda Espírito Santo, disse-me uma vez que esta designação estaria mais consentânea com o espírito da CONCP – Conferência das Nações Nacionalistas das Colónias Portuguesas.

Endurecer-se sem perder a ternura

Hay que endurecerse, pero sin perder la ternura jamás.

Che Guevara

Quando se pergunta à D. Alda – como ela é conhecida no seu país (já foi “Menina Aldinha”) –, como vai, ela responde que vai indo, resistindo às intempéries do quotidiano do país...

De facto, é isso mesmo: aquela figura é uma das mais resistentes do seu país e, devo acrescentar, da sua geração e da sua família, infelizmente – tal como a sua mãe, D. Maria de Jesus, cujo passamento ocorreu em 2001, com noventa e tantos anos! Figura de proa da vida social, cultural e política são-tomense, de carinho e reconhecimento tanto no interior como no plano internacional, a D. Alda é um verdadeiro monumento sociocultural e político são-tomense – em todos os sentidos que esta palavra recobrir.

Alda Neves da Graça Espírito Santo nasceu na cidade de São Tomé, no dia 30 de Abril de 1926, no seio de uma família da elite dos *filhos-da-terra*. Tendo feito os estudos primários em São Tomé, passou a juventude em Portugal onde fez o ensino liceal (em Vila Nova de Gaia e o 7.º ano em Lisboa) e se diplomou na então Escola de Magistério Primário, também em Vila Nova de Gaia.

Em Portugal, fez parte do grupo de convívio denominado A GRANDE MARCHA, de que faziam parte nomes como Amílcar Cabral, Vasco Cabral, Maria Helena Vilhena Rodrigues (então esposa de Amílcar), Mário Pinto de Andrade, Agostinho Neto, António Pimentel Domingues, Francisco José Tenreiro, Guilherme do Espírito Santo, Noémia de Sousa e Marcelino dos Santos, entre outros, que se reuniam no tutelar “37” da rua Actor Vale, em Lisboa, ou simplesmente casa da Tia Andreza, lugar de germinação de ideias que terão origina-

do o Centro de Estudos Africanos (e até a CONCP – Conferência das Organizações Nacionalistas das Colónias Portuguesas).

Cedo começou a escrever, quando ainda fazia o 7.º ano. Mas será por volta de 1946/47 que a sua poesia é dada a conhecer em reunião informal organizada na residência de Luís Espírito Santo – médico são-tomense falecido na Guiné-Bissau –, na presença de familiares e amigos, entre os quais Amílcar Cabral, António Pimentel Domingues e Julieta do Espírito Santo. Nessas reuniões, uma colega cabo-verdiana, estudante de Letras, Ema Sena Mendes, lia poemas africanos então “subversivos”: e terá sido numa dessas “sessões” que alguns dos primeiros poemas da poetisa foram lidos.

Preocupada com a questão colonial, Alda Espírito Santo cedo irá sofrer as limitações impostas pela polícia política portuguesa: ainda em Portugal foi detida pela PIDE. Mais tarde, já em liberdade, foi-lhe imposta “residência fixa”, um expediente a que recorrem os regimes ditatoriais para “controlarem” as figuras consideradas incómodas. De regresso definitivo ao seu país natal, em fins dos anos 60, para exercer o magistério primário, continuou a assumir uma postura sempre incómoda quer no exercício da sua actividade docente, como professora do ensino primário, quer ainda como cidadã atenta à questão colonial. Valeu-lhe a perseguição da polícia política, tendo-se tornado bastonária da defesa dos valores culturais são-tomenses.

Nesses anos de tensão entre o colonizado e o poder colonial, de *endurance* persecutória, de que nem os jovens estudantes dos últimos anos do Liceu Nacional D. João II estavam livres, Alda Espírito Santo foi luz para muitos desses jovens que começavam a despertar para a Vida: organizava saraus culturais na sua casa, passava-lhes livros (que eles passavam para os irmãos mais novos), orientava-lhes as leituras, discutia com eles, incentivava-os despertando neles o gérmen da incomodidade – ela foi, afinal, uma espécie de *formadora*. Tudo isso de forma clandestina, subterrânea, por isso não admira que possa aparecer quem diga que nunca soube disso – como aconteceu com alguém que, numa conferência em 1989, em Luanda, me disse que, tendo pertencido à Casa dos Estudantes do Império (como se, *de per si*, isso tivesse algum mérito!), nunca ouvira falar do Centro de Estudos Africanos, fundado em 1951 pelos “membros” da “Geração de Cabral”.

Certo é que os então jovens *formados* por Alda Espírito Santo aí estão. Muitos deles, então estudantes na (ex-)metrópole quando se deu o 25 de Abril, rumaram para São Tomé e Príncipe, para criarem, sob a sua orientação e a de outro nacionalista, hoje quase esquecido, o advogado Gastão Torres, a Associação Cívica Pró-MLSTP, que preparou a “entrada” deste movimento. Estou convencida de que um dia a História vai fazer-lhes justiça!

Voltemos à Alda Espírito Santo: quando do tristemente célebre Massacre de Batepá, em 1953, em São Tomé e Príncipe, perpetrado pelo governador Carlos de Sousa Gorgulho (coadjuvado pela população metropolitana aí residente, cujos membros se integraram em milícias que nos *luchans* perpetraram actos de barbaridade), Alda Espírito Santo foi uma figura que teve um protagonismo na visibilização deste crime cometido contra o povo são-tomense: é que, quando, após contacto de um são-tomense no seu escritório em Lisboa, Américo Espírito Santo, o Dr. Palma Carlos desembarcou em São Tomé, Alda Espírito Santo foi a pessoa com quem o jovem advogado trabalhou nesse processo, vencendo medos e constrangimentos que nem a prisão da mãe conseguiram acentuar. De outro modo, a poetisa juntaria a sua voz à daqueles que fisicamente sucumbiram e outros que sobreviveram, como nos emblemáticos poemas “Onde estão os homens caçados neste vento de loucura” e “Trindade”, fixando a sua memória, num assunto que carece de estudo e trabalho de recolha de “fontes” para a História de São Tomé e Príncipe, para que esses acontecimentos não sejam “matéria” para “especialistas” cujo método é a “lógica”... e não os factos, por muito pouco lógicos que sejam! (Pois qual é a lógica da repressão?!).

Figura emblemática da resistência cultural de certo período da História das Ilhas, será, já depois da independência do país em 1975, e como membro da cúpula do MLSTP – Movimento de Libertação de S. Tomé e Príncipe (partido único que governou o país durante dezasseis anos), sucessivamente Ministra da Educação e Cultura, Ministra da Informação e Cultura Popular e Presidente da Assembleia Popular Nacional; nesta condição exerceu por inúmeras vezes o cargo de Presidente interina durante a Primeira República. Com o advento da Segunda República, foi deputada do MLSTP na primeira legislatura (1991-1994).

É Presidente da UNEAS – União Nacional dos Escritores e Artistas de S. Tomé e Príncipe, fundada em Setembro de 1986, de que foi grande promotora, e Presidente da LEC – Liga dos Escritores dos Cinco, com sede em S. Tomé, desde a sua fundação em Julho de 1987.

Os seus primeiros poemas foram conhecidos em recitais entre 1946/47, mas será em 1953 que publica pela primeira vez, o poema “Lá no Água Grande”, no caderno de *Poesia Negra de Expressão Portuguesa*, organizado por Mário Pinto de Andrade e Francisco José Tenreiro. Desde então, publica dispersamente em revistas e jornais da África, Europa e América, com destaque para o Brasil. Assim, tem poemas dispersos em antologias desde 1953: *Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (Lisboa, 1953); “Poesia negro-africana de expressão Portuguesa” (in *Província de São Pedro*, Porto Alegre, Brasil, 1954); *Antologia de Poesia Negra de Expressão Portuguesa* (Paris, 1958); *Poetas e Contistas de Expressão Portuguesa* (São Paulo, 1963); *Poetas de S. Tomé e Príncipe* (Lisboa, 1963); “Nova soma de poesia do mundo negro” (*Présence Africaine*, Paris, 1966); *Literatura Africana de Expressão Portuguesa* (volume I, Argel, 1967); *La Poésie Africaine de Expression Portugaise: Évolution et Tendances Actuelles* (Paris, 1969); *Antologia Temática de Poesia Africana I – na Noite Grávida de Punhais* (Lisboa, 1975); *No Reino de Caliban*, vol. II (Lisboa, 1976); *Antologia Poética de S. Tomé e Príncipe* (S. Tomé, 1977); *Antologia Temática de Poesia Africana II – o Canto Armado* (Lisboa, 1979); *Poésie d'un Continent* (Paris, 1983); *Sonha Mamana África* (S. Paulo, 1987); *50 Poetas Africanos* (Lisboa, 1989); *O Coro dos Poetas e Prosadores de São Tomé e Príncipe* (Pontevedra – Espanha/Braga – Portugal, 1992); *Daughters of Africa* (London, 1992); *Matrilingua II* (Viana do Castelo, 1997); *Antologia da Poesia Feminina dos PALOP* (Santiago de Compostela, 1998), entre outras selecções; e em jornais: *Jornal de Angola* (Luanda, Out/1960) e *Revolução* (S. Tomé, 1975/ /1991).

Apenas em 1978 publica, sob o estímulo de seu malogrado primo e também homem de cultura Amadeu Espírito Santo, o seu primeiro livro: *É Nosso o Solo Sagrado da Terra – Poesia de Protesto e Luta*¹. Este livro contém poemas já anteriormente publicados e outros ger-

¹ Alda Espírito Santo, *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, Lisboa: Ulmeiro, 1978.

minados numa topologia de referencialidade revolucionária, portanto poemas do pós-independência, que constroem, pelos temas e pelo estilo, discursos muito encomiásticos.

De facto, se os poemas escritos antes de 1975, ano da independência política do país, constroem uma semântica subterrânea, própria de uma escrita subversiva, clandestina, que configura tanto o apelo de adesão à causa dos oprimidos (o colonizado/ a Mulher – irmã, avó/ o contratado/ o angular), como a denúncia da repressão colonial, de que são já emblemáticos os seus tantas vezes (re)citados poemas “Onde estão os homens caçados neste vento de loucura?” e “Trindade”, referindo os massacres de 1953, já os poemas do pós-independência são celebrativos, chegando ao panfletarismo poético: encómio à “vitória consumada”, à reconstrução nacional, à(s) ideologia(s) perfilhadas(s), a heróis ou figuras heroicizadas africanas e à cultura como fazedora de nacionalidade.

Sobre *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, escreveu Fernando J. B. Martinho numa nota crítica:

*(...) com o seu nome ligado ao florescimento poético que se verifica nas áreas africanas de expressão portuguesa nos fins dos anos 40 e começos da década seguinte, depois do contributo decisivo dado pelo seu compatriota Francisco José Tenreiro, com **Ilha de Nome Santo**, em 1942, Alda Espírito Santo só em 1978 vem a reunir em volume a sua poesia inédita e a que se encontrava dispersa por antologias e por algumas das publicações que foram impando, ao longo dos anos 50 e 60, a literatura lusófona africana (...).*

No contexto da poesia santomense, Alda Espírito Santo dá um conteúdo definidamente anticolonialista à afirmação dos valores africanos contida na negritude de Francisco José Tenreiro.... desde muito cedo, situa a sua denúncia não apenas no plano geral do homem africano, assumindo com orgulho a sua cor, a sua cultura face à violência do colonizador, mas também nas condições concretas das relações colonizado / colonizador em S. Tomé.²

² Fernando Martinho, *África – Literatura, Arte & Cultura* (Lisboa), n.º 3 Janeiro-Março de 1979, pp. 355-357.

Mas, *grosso modo*, os poemas de *É Nosso o Solo Sagrado da Terra – Poesia de Protesto e Luta* são de matriz nacionalista, de denúncia da situação colonial, da repressão colonial-fascista (o massacre de Batépá). É poesia do canto às figuras que se erigem a símbolos da resistência colonial: o contratado queimando vida nas roças de cacau e de café; o contratado desenraizado (de que o poema emblemático é “Avó Mariana”) – um tema também textualizado por Francisco José Tenreiro (“Romance de Sinhá Carlota”) e por Conceição Lima, tanto em *O Útero da Casa* [(2004) quando em *A Dolorosa Raiz do Micondó* (2006); o angular e a Mulher, símbolo da Terra e da África. A própria divisão do livro obedece nitidamente a uma concepção temática que remete para uma evolução de um percurso político: “Poemas da Juventude”, “Poema Mensagem”, “Por entre os muros da repressão”, “Aos Combatentes da Liberdade”, “A Legítima Defesa”, “Cela Non Vugu” (expressão do crioulo forro que literalmente significa: “temos que nos mexer!”). São ao todo cinquenta e cinco poemas, precedidos de um longo prefácio (justificativo, mais do que interpretativo) da autora. Os poemas assim agrupados denunciam uma estética que releva da concepção do labor literário como possibilidade de veículo político-ideológico.

Em 2002 publicou *Mataram o Rio da Minha Cidade*³, colectânea que inclui três contos, crónicas de imigração e narrativas breves escritas para crianças para serem lidas em datas históricas e em efemérides, numa mistura de prosa e poesia designada “Fabulário de recriação das ilhas”. Alguns textos são de circunstância, outros menos marcados temporalmente, e sobre eles reflectiu o poeta Frederico Gustavo dos Anjos:

Depois da dedicatória “À Mãe Jesus” e “À Minha Irmã Maria Amélia”, o livro está dividido em três partes bem distintas, antecedidas de uma nota introdutória, dando a conhecer ao leitor a iniciativa de publicação do que a autora considera “pedaço de prosa desalinhavada”.

Na primeira parte estão três contos breves: o primeiro, “Mataram o rio da minha cidade” que sugeriu o título do livro que nos reuniu

³ Alda Espírito Santo, *Mataram o Rio da Minha Cidade*, São Tomé: Centro Cultural Português, 2002.

aqui hoje; o segundo intitula-se “Kassongo” e o terceiro “Rio Seco Água Molhada”, um texto escrito no decorrer de uma viagem que a autora fez à República de Moçambique e publicado em S. Tomé, pela primeira vez, em 1984.

Na segunda parte estão as “Crônicas de Emigração”, onde nos confrontamos com depoimentos que vão desde revelações sobre o povoamento das ilhas e as relações homem/terra condicionadas pelo chamado grande comércio, até ao “Nozado de Sam Sibila”, contado pelo Narrador de Sóias daquele “tempo de um bicho Gragulho, que em vez de comer bicho de milho e de feijão comia gente com malvadez e safadeza dele”, passando pelas “Desventuras do Feitor de São Januário” e peripécias do “Pároco João Semana”, pessoa tão conhecida na ilha e a quem muitos ficaram a dever a “orientação que foi dada às suas vidas no sentido da dignificação e valorização individual.

A terceira e última parte apresenta o “Fabulário de recriação das ilhas”, contendo algumas das contribuições pontuais da autora para preenchimento dos tempos livres de crianças e jovens, por um lado, e visando, por outro, uma orientação de educação para o respeito das diferenças, para o amor, para a solidariedade, para a paz, congregando os cidadãos num abraço de amizade envolvendo povos, países e continentes.⁴

Figura importante do movimento da Negritude de língua portuguesa, de que o caderno de *Poesia Negra de Expressão Portuguesa* é a primeira manifestação sistémica, Alda Espírito Santo também figura na galeria dos que têm reflectido sobre a cultura africana, com trabalhos publicados n’ *A Voz de S. Tomé* (1947-48), *Mensagem* (boletim da Casa dos Estudantes do Império) e no jornal *Revolução* (1975-1991)⁵.

4 Frederico Gustavo dos Anjos, texto de “Apresentação”, Centro Cultural Português de São Tomé, 14 de Fevereiro de 2003.

5 Já este texto estava escrito quando Conceição Lima me chamou a atenção para um texto escrito como prefácio para o livro de Carlos Graça, *Ensaio sobre a Condição Humana* (São Tomé: 2004). Desse pequeno texto, que Conceição Lima desleu (expressão dela), disse a desleitora:

Muito interessante, porque são as reflexões dela sobre as reflexões de um outro intelectual e nacionalista são-tomense... sobre as reflexões de André Malraux sobre a ... condição humana. De um ângulo muito raro dela a todos os títulos. A

A dimensão histórico-social de Alda Espírito Santo sobressai também pelo ajustamento entre o que sempre apregoeou em termos de ideário nacionalista e a sua “infortuna” material: tal como o Dr. Guadalupe Ceita, médico nacionalista também a residir em São Tomé e Príncipe, Alda Espírito Santo é de um despojamento pessoal que contraria o percurso “normal” de quase todos que, reivindicando uma legitimidade histórica (!), contribuíram para a *privatização* do país a seu bel-prazer! E isto não apenas em São Tomé e Príncipe, embora convenha ficar por estas ilhas onde a fartura de alguns, (já) é insultuosa, numa terra em que – dizem-nos relatórios, cujos autores são pagos a peso de ouro (ah, esquecia-me: agora deve-se dizer petróleo!) – 52% da população vivem abaixo do limiar da pobreza.

Avessa a homenagens, sempre as recusou – e as pessoas de bom senso (que, felizmente, é o que falta aos autores desta) não se atrevem a organizar homenagens contra a vontade do homenageado. Por isso, assinalam-se poucas homenagens formais realizadas a Alda Espírito Santo: a realizada em Abril de 2003, na ausência da poetisa, pela ISCE (Instituto Superior de Ciências Educativas), no âmbito de 1.º *Congresso Internacional* sobre “Lusofonias, Identidades e Culturas Nacionais” (Odivelas 3-5 de Abril de 2003); a que se realizaria quando do *Simpósio Internacional Amílcar Cabral*, organizado pela Fundação Amílcar Cabral (Praia, 9-12 de Setembro de 2004), caso a homenageada estivesse presente; e a projectada, em jeito de condecoração “a molhos”, pelo Presidente Fradique de Menezes, no dia 11 de Julho de 2005 (decreto presidencial n.º 11/2005), por ocasião do 30.º aniversário da Independência política do país, a que anunciadamente não compareceu.

Hoje retirada das lides políticas, dedica-se às “suas” instituições, isto é, à UNEAS e ao Fórum da Mulher Santomense, e às “suas” crianças – crianças que frequentam a UNEAS e para as quais, como já se disse, muitos dos textos que integram o seu último livro foram escri-

Alda a falar das misérias do animal humano, a Alda a falar do sofrimento e da morte e não do seu povo uno e indivisível? Porque não o juntas aos inéditos? (*Sent*: quinta-feira, 16 de Fevereiro de 2006, 17:41).

No que estou plenamente de acordo. Deve-se, pois, a Conceição Lima a inclusão desse texto neste livro.

tos. Pode até dizer-se, neste contexto, que Alda Espírito Santo nunca deixou de ser uma “militante cultural”, como no caso da sua tentativa de revitalização dos paços natalícios, uma tradição que consiste na construção, com material local, de pequenos presépios expostos originalmente nos cruzamentos de percursos de *luchans*: pois bem, a decana da cultura são-tomense tem vindo a pugnar pela sua preservação através de concursos que os promovem, para os quais ela se empenha pessoalmente na batalha por subsídios.

Vivendo desde há muito tempo (vale dizer: desde a independência) um período pouco fértil em termos de criação poética, e dedicando-se à promoção de novos valores, Alda Espírito Santo tem, porém, muito por publicar, como essoutro conto infantil intitulado “Natal no Luchan” (policopiado, ilustrado por crianças e muitas vezes recitado em dramatizações natalícias nestes anos em São Tomé) e essa preciosidade que é o conto infantil inédito *Uma Viagem para Longe...*, escrito e ilustrado pela autora... Que espera publicação menos circunstancial.

Se Alda Espírito Santo continua a endurecer, fá-lo sem perder a ternura, jamais!

Inocência Mata

Uma voz insubordinada e solidária

Em entrevista concedida a Michel Laban, Alda Espírito Santo se refere à força da poesia de seu tempo que, para ela, funcionava como “um canal [...] uma válvula de escape, algo que pudesse ser um alerta e pudesse concorrer para modificar o *stato quo*” (2002, p.100)¹. Uma poesia, enfim, e ainda segundo ela, “de solidariedade”. Assim, pode-se pensar que a busca dessa solidariedade aos iguais faz com que suas produções poéticas respondam, em um primeiro movimento, com violência, à violência do processo de colonização, aqui recorrendo a Frantz Fanon e à sua denúncia do que se passa com *Os Condenados da Terra* (1979)².

Ao fogo, portanto, historicamente ateadado pelo dominador para calar vozes e corpos insurrectos, como se passou com o Massacre de Fevereiro de 1953, os produtores de bens simbólicos – e a literatura é um dos mais expressivos – respondem com o fogo de sua fala. A propósito, aliás, do Massacre, vale recuperar um trecho de carta enviada por Alda a Lúcio Lara, onde ela denuncia a violência destrutiva do dominador:

uma matança em série, uma loucura colectiva da parte de quase a totalidade da população branca às ordens do governador e seus acólitos [...] Onde não encontraram homens queimaram casas. A população foge desatinadamente e eles prosseguem na caça aos macacos.

(Lara, 1997, p. 447-8)³

¹ Michel Laban, *São Tomé e Príncipe: Encontro com Escritores*. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 2002.

² Frantz Fanon, *Os Condenados da Terra*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

³ Lúcio Lara, *Um Amplo Movimento... Itinerário do MPLA através de Documentos e Anotações*. Luanda: Lúcio e Rute Lara, 1997.

É contra essa violência do outro que o sujeito se rebela e grita. O poema de abertura propriamente dita de *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*⁴, “Vozes das ilhas”, é bastante sintomático nesse sentido. Vê-se nele uma clara convocação para que o leitor saia do plano da letra para ouvir a fala que, naquele momento inaugural, se materializa. Escuta-se o grito, mais do que se lê a palavra escrita e a voz lírica se ergue quase que como uma ameaça, ecoando as outras existentes nas ilhas:

*Sobre o mar das nossas terras, por sobre a tormenta
Paíra o espectro da incerteza
Nas nossas mãos erguendo-se temerosas
À espera dum gesto, duma harmonia
A pautar os nossos longos passos
Através da jornada que se avizinha dura e sangrenta.*
(p. 33)

Por tal razão, e pensando na espécie de combustão falante que os versos de dona Alda, como carinhosamente a chamamos, representam, é que, se tivéssemos de buscar uma frase-síntese definidora dessa mulher que escolheu a poesia como forma de caminhar pela história, elegeríamos esta: *uma insubordinada semeadora de palavras*. Nesse afã de semear a rebeldia e o não-conformismo, Alda Espírito Santo busca arrancar do fundo do silêncio histórico de seu tempo, inicialmente tempo de colonizada, “a comida das palavras”, pensando com outra poetisa, dessa vez a angolana Paula Tavares (1998, p.103)⁵. A fala poética, assim, subleva-se e sai em busca da “harmonia” da ação transformadora. Michelle Perrot adverte para a necessidade de que se mude a direção do olhar, no sentido de que se possa – como se dá aqui –

reencontrar [...] as mulheres em ação, inovando em suas práticas, mulheres dotadas de vida, e não absolutamente como autômatas, mas criando elas mesmas o movimento da história.

(1988, p. 187)⁶

4 Alda Espírito Santo, *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*. Lisboa: Ulmeiro, 1978.

5 Ana Paula Tavares, *O Sangue das Buganvílias*. Crônicas. Praia/Mindelo: Centro Cultural Português, 1998.

6 Michelle Perrot, *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

Os poemas possibilitam o reencontro apontado por Perrot. Representam uma tentativa de inovação da prática política da maior parte das poetisas africanas que, no mesmo momento histórico, produziam textos dentro dos padrões versificatórios e ideológicos branco-ocidentais, tentando, ao máximo, aproximar-se de uma fala metropolitana. Significando uma espécie de contra-corrente mostram a desautomatização dos papéis dos sujeitos poéticos e políticos, em clara tentativa de que se mude o “movimento da história”, e, em consequência, a forma de narrá-la. Respondem, com um gesto contratextual, à ação da textualidade opressora do sistema colonial. Por tal gesto, invertem-se modelos e paradigmas e o agente modelizador dos versos tem como base, pensando com Lucía Guerra (1995)⁷, a própria experiência do sujeito.

Propõe-se, com isso, uma nova cartografia que, de um lado, procura reverter a destruição dos valores culturais e, de outro, indica saídas para o impasse que esse exílio sem sair do próprio lugar impõe. Para vencer tal impasse restritor, o sujeito textual busca encenar também o “igual”, trazê-lo para o trançado das malhas discursivas, convocando-o para a ação, como se dá com o “convite” feito à “irmã” nos versos que seguem:

*Irmã, a nossa conversa é longa
É longa a nossa conversa.
Através destes séculos
De servidão e miséria...
É longa a estrada do nosso penar.*

(p. 82)

Vale notar que se dá, em um grande número de poemas de dona Alda, uma tentativa de mobilização do receptor, em seus versos transformado em um interlocutor que “ouve” em direto a mensagem libertária. Os textos, como ensina Paul Zumthor, nesse afã apelativo, nos deixam “perceber [...] o rumor, vibrante ou confuso, de um discurso que fala da própria voz que o carrega” (1993, p. 35)⁸ e a ânsia dessa

⁷ Lucía Guerra, *La Mujer Fragmentada: Historias de un Signo*. Santiago: Cuarto Próprio, 1995.

⁸ Paul Zumthor, *A Letra e a Voz: A “Literatura” Medieval*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

voz de querer atingir os que a lêem, fazendo-os ouvir também. Não se trata apenas da rememoração, um traço forte da lírica e igualmente marca ativa dos poemas, mas da presentificação do destinatário, embora toda a sua virtualidade. Isso torna o discurso inclusivo, passando o leitor concreto a habitá-lo, principalmente quando tal leitor era, naquela época, um africano letrado, utente da língua portuguesa e vivia a mesma experiência histórica da subalternidade e da subjugação.

Não seria demais pensar que os poemas então produzidos não só pela poetisa, mas por outros escritores circulassem oralmente nos eventos nos quais os jovens do tempo se reuniam, seja nas então colônias, seja nos espaços metropolitanos. Dizer os poemas, até hoje, representa um gozo estético muito grande, tanto para o intérprete, quanto para os que o ouvem. Cantar, contar, dizer, declamar, eis algumas das fontes de prazer do imaginário local, pois, definitivamente, como reforça Raúl Altuna, o silêncio não é banto (1985)⁹.

Talvez essa seja uma explicação possível para o reforço, nos poemas de dona Alda, do procedimento artístico de encenação do outro, para a construção d' "A voz igual" (Agostinho Neto)¹⁰. Adensa-se, nos mapas textuais assim traçados, com insubordinação, o desenho dessa busca da voz igual, marca da solidariedade e da utopia. Daí o convocar-se os "irmãos", donos todos de um mesmo timbre vocal. Isso explica por que os significantes *irmão*, *companheiro* e correlatos ganham uma especial cintilação, nos textos da autora, fazendo-se uma das principais tatuagens do corpo poético. A leitura de sua produção mostra essas marcas iniciáticas que se soterram no chamamento, na alusão, na presença, enfim, dos significantes nuclearizadores:

*É assim que eu te falo,
meu irmão contratado numa roça de café
meu irmão que deixas teu sangue numa ponte
ou navegas no mar, num pedaço de ti mesmo em luta com o gandú*
(p. 77)

⁹ Raúl Ruiz de Asúa Altuna, *Cultura Tradicional Banto*, Luanda: Secretariado Arquidiocesano de Pastoral, 1985.

¹⁰ Agostinho Neto, *Sagrada Esperança*, 7.^a ed. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1995, p. 92-96.

Cria-se pelos textos da poetisa Alda, assim como pelos de Noémia de Sousa, Viriato da Cruz, José Craveirinha, Agostinho Neto, António Jacinto, etc., um espaço de fraternidade consentida em que o igual se torna companheiro de luta e *irmão*, principalmente. Às vezes, tais irmãos são nomeados e se fazem fortes referências históricas, como se dá com Deolinda Rodrigues, Cravid, Amílcar Cabral, etc. O próprio gesto da escrita, bem como sua *performance* oralizada, serve como reforço desse chamamento para a esperança e para a construção da fraternidade, vias para que o impasse histórico da exclusão pudesse, naquele momento factual, ser resolvido.

A feminilização dos significantes irmão e correlatos – *irmã, companheira, amiga* – é de suma importância também nas produções de Alda Espírito Santo. A presença de faces e corpos femininos serve como movimento de reforço do que podemos classificar como uma estética da privação. Não por acaso vários estudiosos da autora analisaram o fato de que ela se debruça, com frequência, sobre corpos de mulher, usando-os como um quase talismã. Segue um trecho de poema que resume bem a importância da representação do gênero para a autora:

*Irmãs, do meu torrão pequeno
Que passais pela estrada de meu país de África
É para vós, irmãs, a minha alma toda inteira*
(p. 81)

Também no ensaio “Luares de África”, publicado em *Mensagem* da CEI, dona Alda analisa a questão da mulher negra, dizendo –

*[...] sigo passo a passo a mulher de pele bronzeada – que é a minha história, das avós dos meus avós e da geração futura [...]
[a mulher é] a última que é a última entre os negros que são últimos na concepção dos demais povos da categoria civilizada [...]
A sua voz não se levanta. Morre na distância. Ela nem voz tem.
É escrava – É mulher negra [...] é vítima de todos.*
(1949, n. 7, ano I, p. 12-14)¹¹

¹¹ MENSAGEM – Boletim da Casa dos Estudantes do Império. 1.º v. Lousã: ALAC, 1996.

Na visão da escritora, portanto, as mulheres ao mesmo tempo são agentes de transmissão da cultura e de uma história que se repete e pela qual se marginalizam duplamente, dada a forma como tal história se narrativiza, ou seja, como branca, machista e patriarcal. Ao compor o quadro estético da privação, é uma demanda natural o voltar-se para os corpos das iguais, envolvendo-os em afetividade e muita, muita ternura. A insubordinação cede lugar ao afeto, que também acaba por semear-se no campo arado de sua poesia.

As mulheres se fazem, portanto, no plano da textualidade, uma forma de “subverter o ponto de vista da dominação”, pelo empenho da poetisa em mostrar “a [sua] presença, a [sua] ação, a plenitude dos seus papéis e mesmo a coerência de sua cultura” voltando a citar Perrot (1988, p.170). Atam-se as pontas das questões de raça e de gênero, fazendo-se a produtora textual uma mulher insubordinada ou uma combativa, usando uma categoria trabalhada por Susana Pravaz (1981)¹².

Por fim, vale uma última observação, ou seja, que nos poemas de dona Alda aparece uma terceira questão que suplementa as de raça e de gênero: a de classe. As mulheres que ganham espaço nas obras são dinâmicas e pertencem às classes trabalhadoras, quase sempre sendo flagradas em sua atuação no mercado informal: vendedoras de peixe; lavadeiras; descascadoras de caroço, etc.

Podemos dizer dessas mulheres, com Pravaz, que “seu território é o combate, a luta pela vida, a superação de desafios” (1981, p.61). Suas casas são mostradas em sua penúria, cobertas de zinco ou palha; habitam as cidades, os campos, sempre em espaços periféricos. Mesmo assim, resistem e combatem no cotidiano de sua história de privação. Por isso elas se fazem uma das imagens recorrentes da poesia da autora, que nelas vai encontrar a grande metáfora do vazio, do silêncio e da privação de um tempo de bloqueio.

Com seu olhar ao mesmo tempo insubordinado e solidário, Alda Espírito Santo denuncia, em estado de guerra, tudo que naquele momento pudesse impor obstáculos ao seu caminhar em direção à liber-

¹² Susana Pravaz, *Três Estilos de Mulher: a Doméstica, a Sensual, a Combativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

dade que não admitia mais qualquer forma de adiamento. Por isso, mobiliza-se, e ao seu corpo, soltando as chamas de sua voz inconformada que continua, a soar, em nossos ouvidos-leitores, com a pureza do som dos cristais, muito embora ela não abdique, nunca, de marcar essa voz, igualmente, com a força do bronze e de seu duro ressoar.

Laura Cavalcante Padilha

ALDA ESPÍRITO SANTO*

A VOZ PRÓPRIA

* Os poemas foram retirados do livro *É Nosso o Solo Sagrado da Terra*, Lisboa: Ulmeiro, 1978.

Na selecção dos poemas, da responsabilidade das organizadoras, procurou-se “cobrir” as várias sensibilidades poéticas de Alda Espírito Santo.

VOZES DAS ILHAS

Sobre o mar das nossas terras, por sobre a tormenta
Paira o espectro da incerteza
Nas nossas mãos erguendo-se temerosas
À espera dum gesto, duma harmonia
A pautar os nossos longos passos
Através da jornada que se avizinha dura e sangrenta.
Ai, longos caminhos da minha terra, longos caminhos da
[terra amada.
A angústia reside permanente nos nossos olhos, à espera
[dos primeiros passos.
Nessa hora breve como aurora, rompendo por cima das
[nossas cabeças
Terra amada, a tua oferenda será um longo holocausto
[dos teus filhos ...
O mar dos tubarões vai rugir forte, terra amada.
Do teu ventre em brasa a semente surgirá, Mãe terra.
Teus filhos, gerados na dor e na passividade, saberão
[por fim o seu destino
Mas até o acertar dos passos, Mãe, um rio de loucura
[há-de estuar.
Praias da minha terra, grotas perdidas nos obós distantes
Já ouço o canto angustiado do ossobô a semear a
[tormenta
E o misterioso grito da conóbia em seus longos agouros.
Mas o homem dos trópicos de mãos levantadas vai
[redimir a gleba.
O canto do silêncio, um longo canto de punhos cerrados
Será a resposta do homem aos tubarões dos mares.

LÁ NO ÁGUA GRANDE

Lá no «Água Grande» a caminho da roça
negritas batem que batem co'a roupa na pedra.
Batem e cantam modinhas da terra.

Cantam e riem em riso de mofa
histórias contadas, arrastadas pelo vento.

Riem alto de rijo, com a roupa na pedra
e põem de branco a roupa lavada.

As crianças brincam e a água canta.
Brincam na água felizes ...
Velam no capim um negrito pequenino.

E os gemidos cantados das negritas lá do rio
ficam mudos lá na hora do regresso ...
Jazem quedos no regresso para a roça.